

O ENSINO DE HISTÓRIA E SUA HISTORIOGRAFIA

Rudimar Serpa de Abreu¹



Revista Ciência e Conhecimento – ULBRA/São Jerônimo

RESUMO - Este artigo pretende discutir o ensino de história sob o ponto de vista das concepções atualmente produzidas pela a historiografia: positivismo, marxismo e annales. E, proporcionar a reflexão sobre os problemas envolvendo o ato de ensinar e aprender em História, para que os educadores possam perceber e desvelar em suas práticas quais concepções aparecem nos planejamentos de aula e consequentemente na metodologia escolhida.

Palavras-chave: História. Ensino de história. Historiografia.

ABSTRACT - This article intends to discuss the history teaching from the point of view of the conceptions currently produced by the historiography: positivism, marxism and annales as well as promote the reflection on the problems involving the act to teach and to learn in History, in order to the educators can perceive and discover in their practices which conceptions appear in the plannings of lesson and consequently in the chosen methodology.

Keywords: Teacher. Ideals. Special education.

1 – Professor do Curso de História.
Universidade Luterana do Brasil –
ULBRA. Campus São Jerônimo, RS,
Brasil.

Dados para correspondência

Rudimar Serpa de Abreu
Rua: Núcleo C-78 - Nº: 44 –
CEP: 96745000. Bairro: Piratini.
Charqueadas – RS/Brasil.
E-mail: rudiabreu@terra.com.br

Recebido em: 12/03/2014.
Revisado em: 17/04/2014.
Aceito em: 27/04/2014.

Área: Gestão do conhecimento.

INTRODUÇÃO

As discussões relativas à construção de aprendizagem, aos elementos envolvidos nos processos cognitivos por parte dos alunos, ao trabalho didático-pedagógico desenvolvido em sala de aula vêm ocupando as atenções dos educadores em geral e dos professores de História em particular.

No entanto, diante dos avanços das reflexões e investigações a esse respeito, é comum nos depararmos com o coro dos descontentes de ambos os lados.

De um lado, os professores de História queixam-se do desinteresse e apatia de seus alunos que, distanciados de um passado orgânico e de uma consciência clara a respeito do valor da educação e de sua práxis, perdem-se em meio a um conjunto de ações cotidianas desprovidas de sentido e não conseguem estabelecer claras relações entre aquilo que estudam em termos de conteúdos históricos e sua vida real.

Por outro lado, os alunos desses mesmos professores seguidamente repetem suas queixas em outro tom: as aulas são chatas, os temas são desinteressantes e os professores são distantes e inacessíveis. Enfim, a vida cotidiana e o presente vivido em nada se aproximam de um passado inacessível e abstrato.

Na verdade, cabe a nós situar o cenário de reflexões sobre problemas envolvendo o ato de ensinar e aprender História no qual sejamos capazes de olharmos para as nossas práticas e desvelar qual concepção de História aparece nos planejamentos de aula e conseqüentemente na metodologia escolhida.

Segundo Corsetti, 2001, p. 68,

A existência de diferentes paradigmas epistemológicos da História é fato que caracteriza não apenas a chamada ciência histórica, como todo o campo das ditas ciências sociais. A coexistência de diferentes modelos explicativos faz com que o conhecimento histórico não se apresente vinculado a um único paradigma. Na medida em que o objeto histórico pode ser deslocado de um para outro nível do topo social, verificamos a manutenção de diversas matrizes interpretativas que caracterizam as escolas históricas, embora cada uma delas apresente a pretensão de elaborar um modelo de ciência válido para toda a historiografia.

O professor de História quando planeja suas aulas aparecem subjacentes ao seu trabalho, teorias da historiografia. Essas teorias podem ser percebidas na ação docente que leva o professor a produzir uma aula de história centrada na narração de fatos, na crítica social ou na reflexão dos conflitos de classes. A partir desse reconhecimento, identificam-se modelos diferenciados que vão do positivismo à tendência da Nova História, que contemporaneamente acaba por combinar vários modelos de interpretação. Mesmo

percebendo a discussão polêmica que cerca esse assunto, inclusive a utilização do próprio termo paradigma para o campo das ciências sociais, acreditamos que esses modelos existem, coexistem e influenciam de formas diferenciadas as práticas didático-pedagógicas no ensino de História.

A concepção positivista

A teoria positivista nasce no século XIX, com o francês Augusto Comte, iniciador desta corrente que exprime a exaltação da ciência moderna, parte do pressuposto de que a humanidade (e o próprio homem, na sua trajetória pessoal) passa por diversos estágios até alcançar o terceiro estado (lei dos três estados) *estado positivo*, que se caracteriza pela maturidade do espírito humano.

O estado positivo é caracterizado pela renúncia ao conhecimento absoluto, das causas últimas, passando então a dirigir as forças intelectuais para a compreensão das leis e das relações que se podem constatar entre os fenômenos por meio da observação e dos instrumentos teóricos. (CHAUÍ, 1985, p. 113).

No ensino de história, sua influência acontece com a narração e a busca da verdade somente nos documentos oficiais. O historiador, um elemento neutro nesse processo, tem apenas que descrever os episódios, as datas, as guerras, os fatos, os heróis.

Todos mortos. E assim, a história, tratada à distância, assepticamente, quase nada ou nada mesmo explica, embora exerça marcada influência na compreensão do histórico em todos quantos têm acesso à escola, o que é extremamente conveniente à manutenção da ordem. (LOPES, 1995, p. 23).

As aulas de histórias passam a ser enfadonhas, pois o professor apenas transmite informações do passado e o aluno recebe este conhecimento sem produzir nenhuma análise ou crítica, apenas memoriza e decora essa história linear e cronológica que, muitas vezes, serve como instrumento de dominação da história oficial.

A concepção marxista.

Apesar do predomínio da concepção positivista, até meados do século XX, várias manifestações se colocaram contra ela, desde os fins do século XIX. Fora do mundo dos historiadores profissionais, Karl Marx e Friedrich Engels, propuseram, com o materialismo histórico, a primeira teoria global das sociedades humanas.

Para exemplificar, lembramos que a abordagem idealista da história, assimilada pelo senso comum, explica seu movimento pela ação dos “grandes homens”, das grandes ideias ou, às vezes, até pela intervenção divina. Para Marx, diferentemente: no lugar das ideias, então os fatos materiais; no lugar dos heróis, a luta de classe. Nesse processo, surgem contradições no seio da sociedade, que no tempo de Marx, e ainda hoje, resultam dos interesses antagônicos do capitalista e do proletário. (ARANHA, 1996. p. 141).

A concepção marxistas, a partir do materialismo histórico de Marx e Engels, entende que a história se faz com os fatores materiais, econômicos e técnicos que correspondem às condições em que os homens se reúnem para produzir sua existência no trabalho. Identifica o conflito da luta de classes: dominante e dominada, opressor e oprimido, burguesia e proletariado. A busca da justiça social é fundamental nessa abordagem.

A história para Marx e Engels aparece como ciência inclusiva e se configura como a ciência dos homens; para eles o histórico é intrinsecamente sociológico, pois deve explicar o lado social do humano e, reciprocamente, o lado humano do social, o de que desloca e inverte a tradição positivista. (LOPES, 1995, p. 27).

O conteúdo a ser trabalhado na disciplina de História, segundo essa concepção, deverá estar impregnado de conscientização, através do estudo e identificação das relações de poder ocorridas no passado e presente, levando o educador e educando assumirem e perceberem sua situação social, optando pela uma participação mais ativa na história. O professor e aluno conscientizam-se de poder de mudança e transformação social que possuem através do conhecimento histórico.

A concepção dos Annales

Publica-se no início do século XX, na França, uma Revista de História chamada *Annales*, a qual busca criar um contraponto ao paradigma positivista, defendendo o caráter científico da história vista como uma ciência em construção.

A ciência da história, viverá inovações profícuas com a criação desta revista, que teve em Marc Bloch e Lucien Febvre seus principais organizadores. Sua convocatória principal pode assim ser resumida, nas próprias palavras de L. Febvre, 1977, p. 56: “para fazer história, virem resolutamente as costas ao passado e antes de mais vivam. Envolvam-se na vida”.

Também, defende-se o caráter científico da história, visto como uma ciência em construção.

Disso decorria a necessidade de construir, com maior rigor, seu objeto, por hipóteses, o que estabelecia a substituição da história-narração pela história-

problema. Defendendo uma síntese global do social, propôs a abertura da História para os aspectos coletivos, sociais, cíclicos das formações históricas. (CORSETTI, 2001, p. 69).

Assim, nessa concepção, a história é crítica e viva, não apenas um conhecimento do passado, mas sim ocupa o espaço de denúncia, finalidade maior desta concepção. As ciências sociais estão agora presentes para ajudar a entender os processos vividos por todos os sujeitos ao longo da história, não apenas alguns como reforçavam os positivistas. O professor de história busca elementos em diversas fontes e situações para ensinar história. Tudo que é produzido pelo homem é um elemento de estudo. Também, as minorias excluídas - índios, negros, aparecem com suas contribuições, porque tudo faz parte da história.

Considerações finais

A compreensão dessas teorias/concepções e a sua tradução nas abordagens didáticas deve ser fruto de reflexão de todo o professor de história. Atualmente, observa-se que um grande número de educadores ainda reforçam e organizam suas aulas dentro de uma visão positivista, contribuindo para que o aluno não reflita sobre a sua história e continue passivo diante dela. Porém, cada vez mais, percebe-se a necessidade da educação se relacionar com a história de forma dinâmica, onde passado e presente e futuro estejam integrados. A finalidade é que se estude o passado para melhor compreender o presente e criar condições de projetar o futuro, questões presentes nas abordagens críticas da concepção da Escola de Annales e Marxista, possibilitando que os alunos sintam-se sujeitos da história.

Nesse sentido, acreditamos ser plenamente possível, os educadores avancem cada vez mais em direção a uma postura mais dialógica e mais mediadora do processo de ensinar e aprender em História.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. História da educação. 2 ed. rev. e atual.. São Paulo : Moderna . 1996.
- CHAUÍ, Marilena et alli. Primeira filosofia: lições introdutórias. 3. ed. São Paulo : Brasense, 1985.
- CORSETTI, Berenice. Considerações sobre a teoria da história. Revista História. Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas. v. 1, n. 3. 2001.
- EDUCAÇÃO EM FOCO: revista de educação. Universidade Federal de Juiz de Fora. v.6, n.1, mar./ago., 2001 semestral.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Perspectivas históricas da educação. 4. ed. São Paulo : Editora Ática, 1995.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. Ensinar história. São Paulo : Spicione, 2004.

E-mail: contato@cienciaeconhecimento.com.br